



ANO I
Nº 01
R\$ 4,90

HO

REVISTA DO QUADRINHO BRASILEIRO

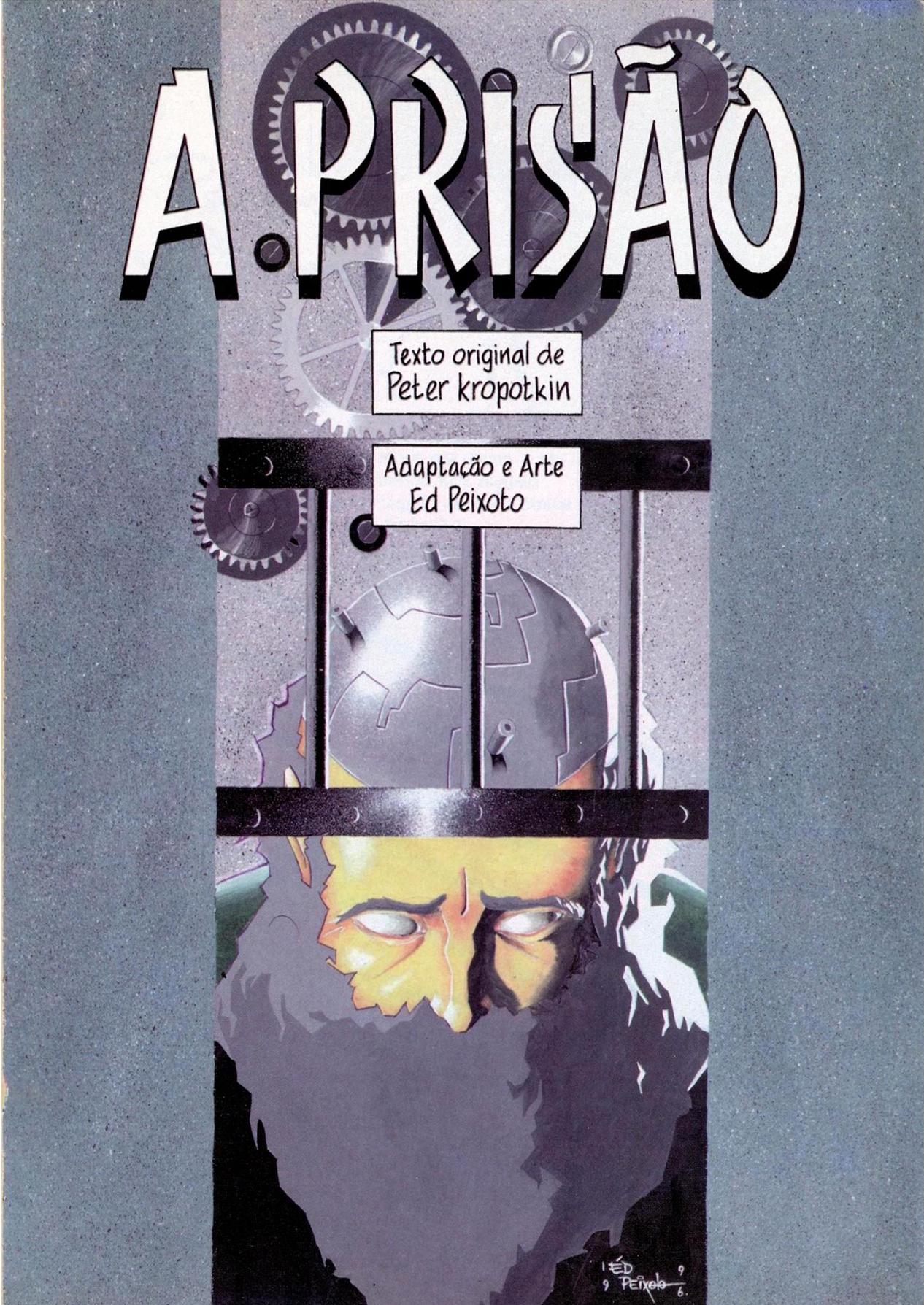
80
páginas de
Aventura
e
Ficção



1ª ED
9 Feixele 9
8.



A PRISÃO

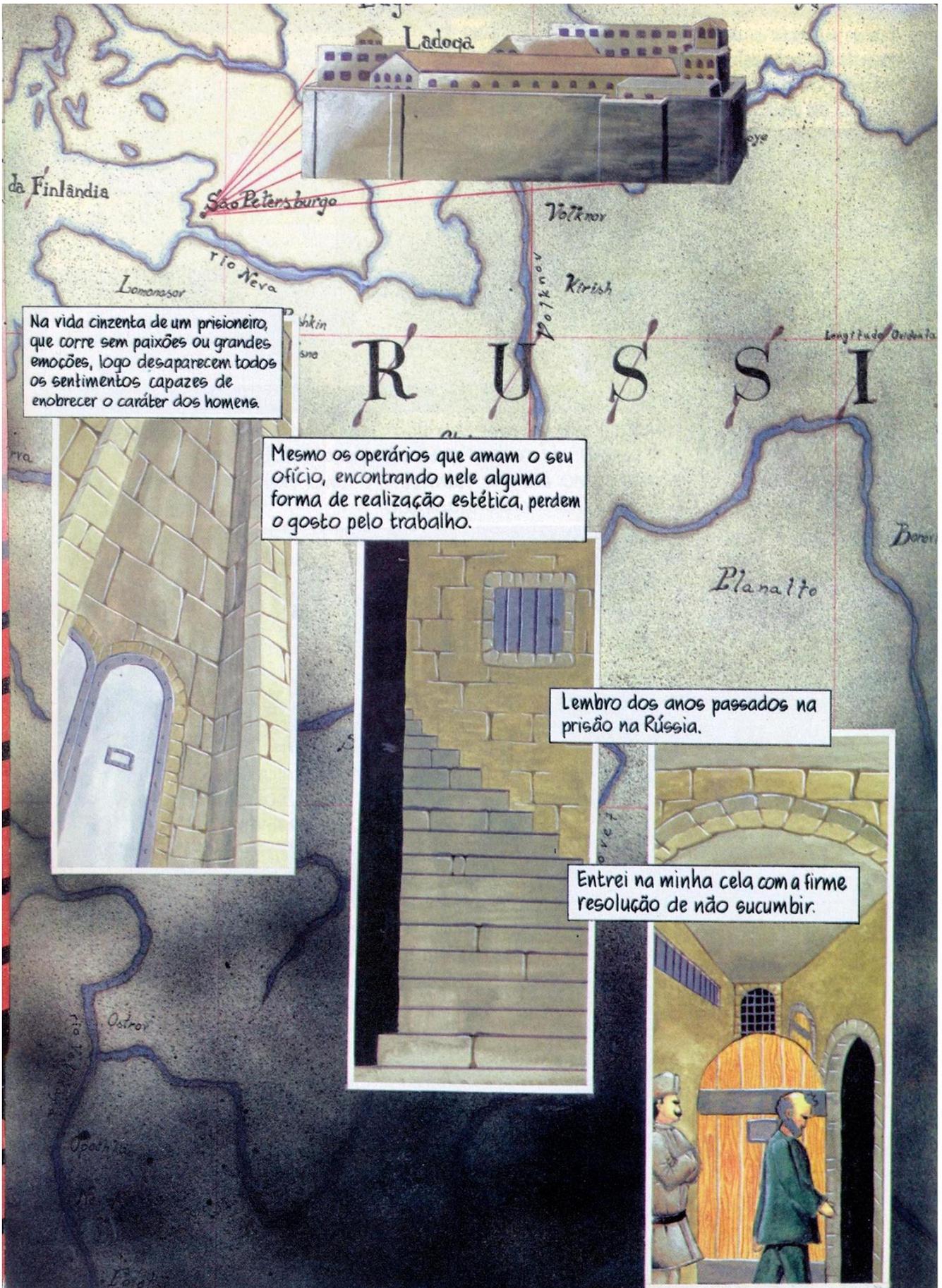
The background of the cover is a dark, textured grey-blue. In the center, there is a vertical strip of lighter grey. This strip contains several mechanical gears of various sizes and colors (purple, grey, white) at the top. Below the gears is a stylized illustration of a prison cell door, rendered in a metallic, industrial style. The door is partially open, revealing a man's face. The man has a thick, dark beard and is looking directly at the viewer with a somber expression. The lighting on his face is dramatic, with one side in shadow. The overall aesthetic is gritty and industrial.

Texto original de
Peter kropotkin

Adaptação e Arte
Ed Peixoto

Ed Peixoto 9
9 Peixoto 6





Na vida cinzenta de um prisioneiro, que corre sem paixões ou grandes emoções, logo desaparecem todos os sentimentos capazes de enobrecer o caráter dos homens.

Mesmo os operários que amam o seu ofício, encontrando nele alguma forma de realização estética, perdem o gosto pelo trabalho.

Lembro dos anos passados na prisão na Rússia.

Entrei na minha cela com a firme resolução de não sucumbir.

Para manter a energia física, eu caminhava regularmente cinco milhas por dia e, duas vezes por dia, fazia exercícios com o auxílio de uma pesada cadeira de carvalho.



Quando me permitiram usar pena e tinta, me propus a tarefa de revisar um trabalho que cobria um vastíssimo campo: submeter a uma revisão sistemática os índices de glaciação.



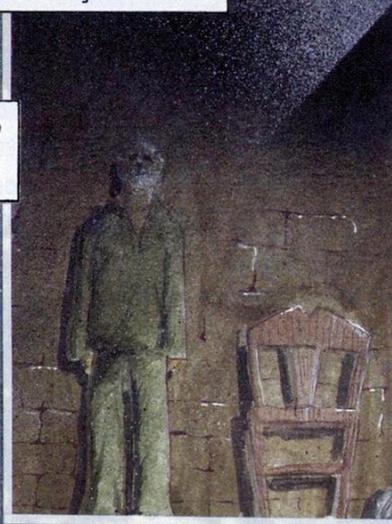
Mais tarde, na França, uma outra paixão me inspirou a elaborar as bases daquilo que eu considerava ser um novo sistema filosófico: o anarquismo!

Mas em ambos os casos, logo senti que um grande desânimo tomava conta de mim.



E não me ocorre nenhuma imagem melhor do que comparar o estado de um prisioneiro ao inverno passado nas regiões árticas. Basta ler os relatos das expedições árticas, as mais antigas.

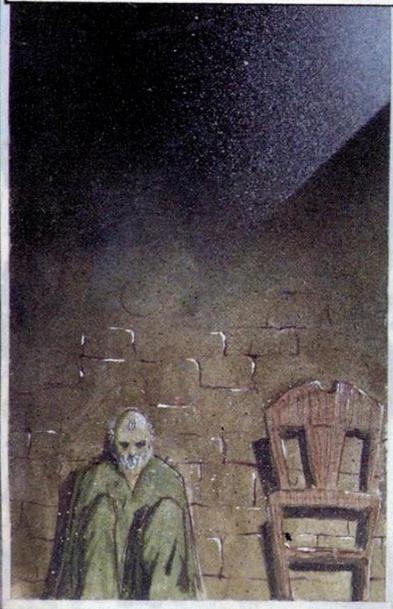
A energia física também logo desapareceu.



Nelas é possível sentir que um toque de depressão física e mental vai aos poucos impregnando todo o diário, tornando-se cada vez mais intenso, até que o sol e a esperança ressurgam no horizonte.



É este o estado em que vive um prisioneiro.



O cérebro já não tem mais forças para manter-se atento por longos períodos.



O pensamento se torna menos rápido. Ou melhor, menos persistente... perde a capacidade de aprofundar-se.



O tempo passa.



Parece-me que essa falta de energia nervosa
pode ser explicada pela ausência de impressões.

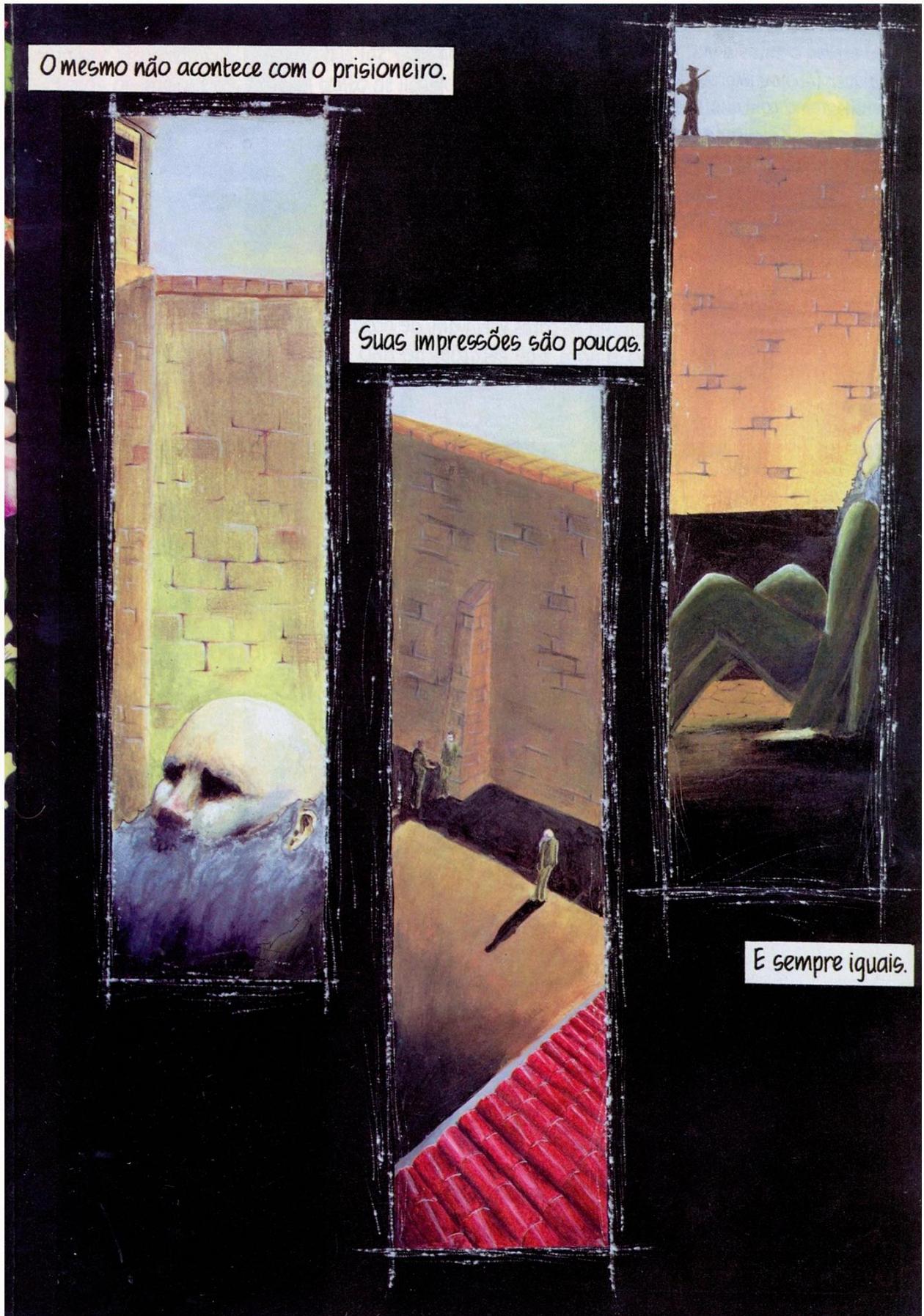
Na vida comum, milhões de sons e cores
atingem nossos sentidos. Milhares de peque-
nos e variados fatos chegam ao nosso co-
nhecimento, estimulando a atividade do
cérebro.



O mesmo não acontece com o prisioneiro.

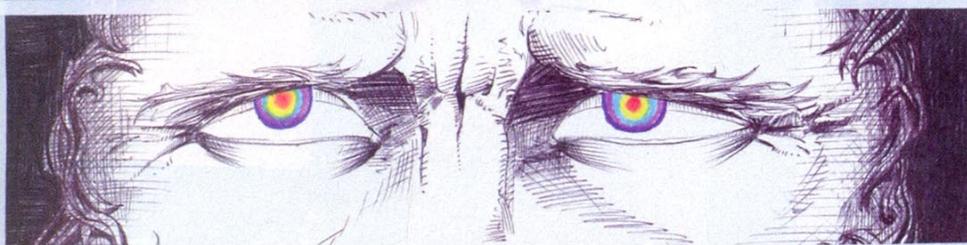
Suas impressões são poucas.

E sempre iguais.



Isso explica o entusiasmo dos prisioneiros diante de qualquer fato ou impressão nova. Não posso esquecer o entusiasmo com que observava as mudanças na cor da agulha dourada que encimava a fortaleza durante meus passeios pelo pátio.

Rosada ao pôr-do-sol, tomava um tom azulado. Pela manhã as cores variavam, de acordo com o tempo, a hora e as estações do ano.



Era a única coisa que mudava ali.

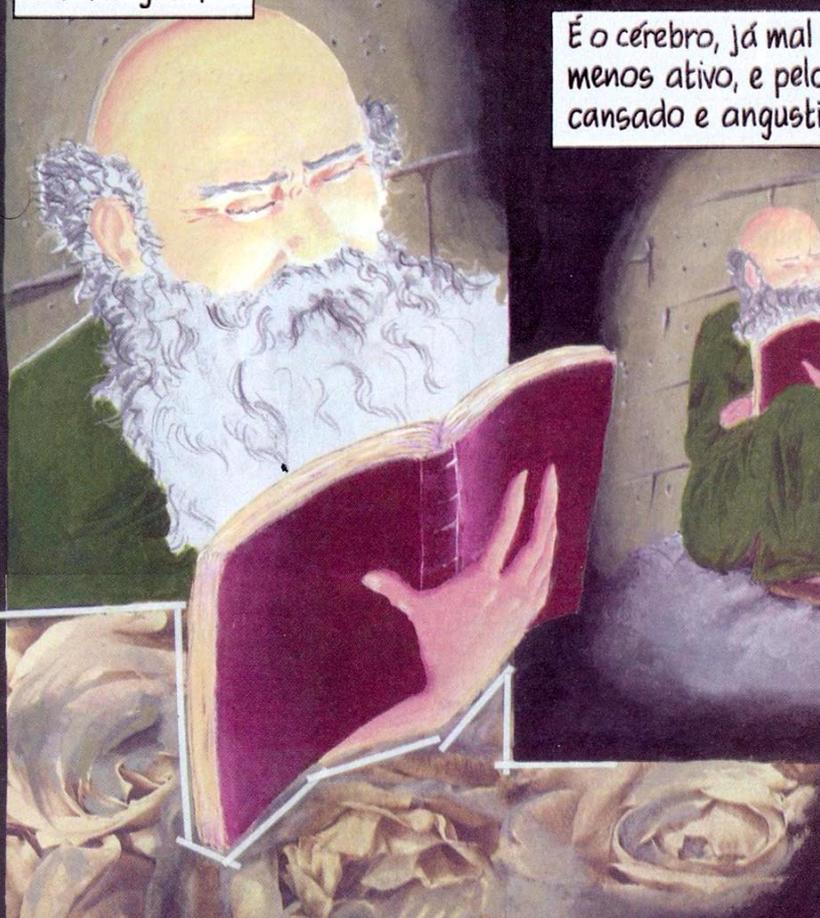
Esta é provavelmente a razão que faz com que todos os prisioneiros gostem tanto de ilustrações.

Elas são capazes de transmitir impressões de uma maneira nova.



Todas as impressões que o prisioneiro recebe, seja através de suas leituras ou de seus próprios pensamentos, são recriadas pela sua imaginação.

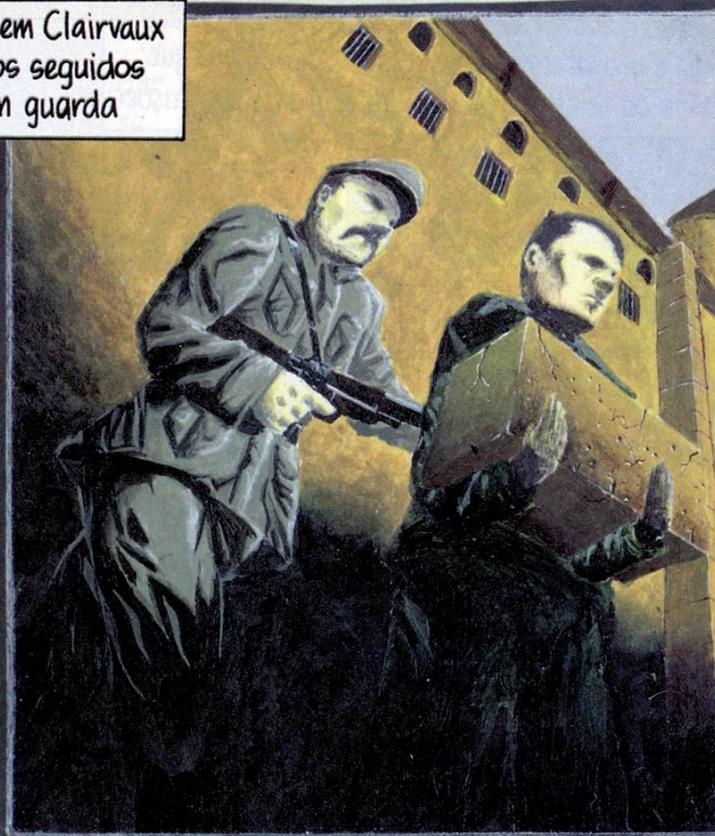
É o cérebro, já mal alimentado por um coração menos ativo, e pelo sangue fraco, torna-se cansado e angustiado.



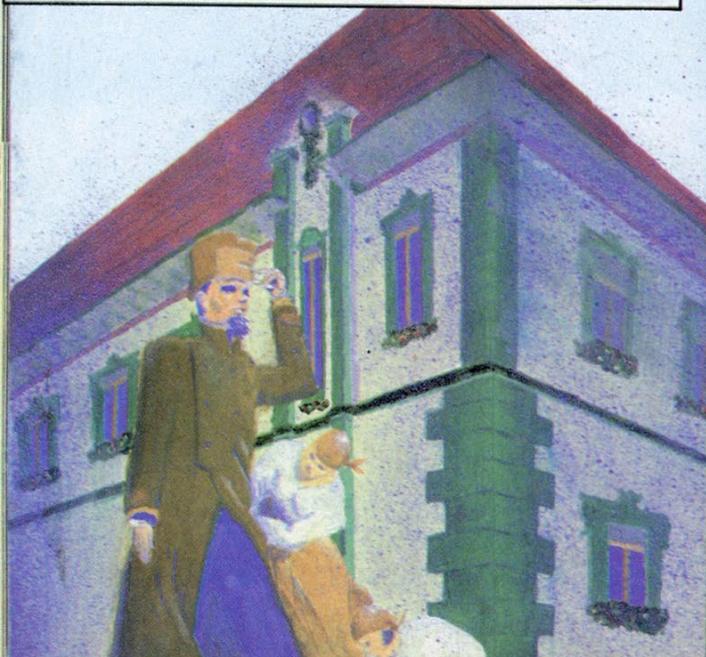
Perde a força.



Cada vez que eu via os prisioneiros em Clairvaux atravessando lentamente os pátios seguidos também preguiçosamente por um guarda preguiçoso...



...minha imaginação sempre me transportava de volta à casa de meu pai e seus numerosos servos.



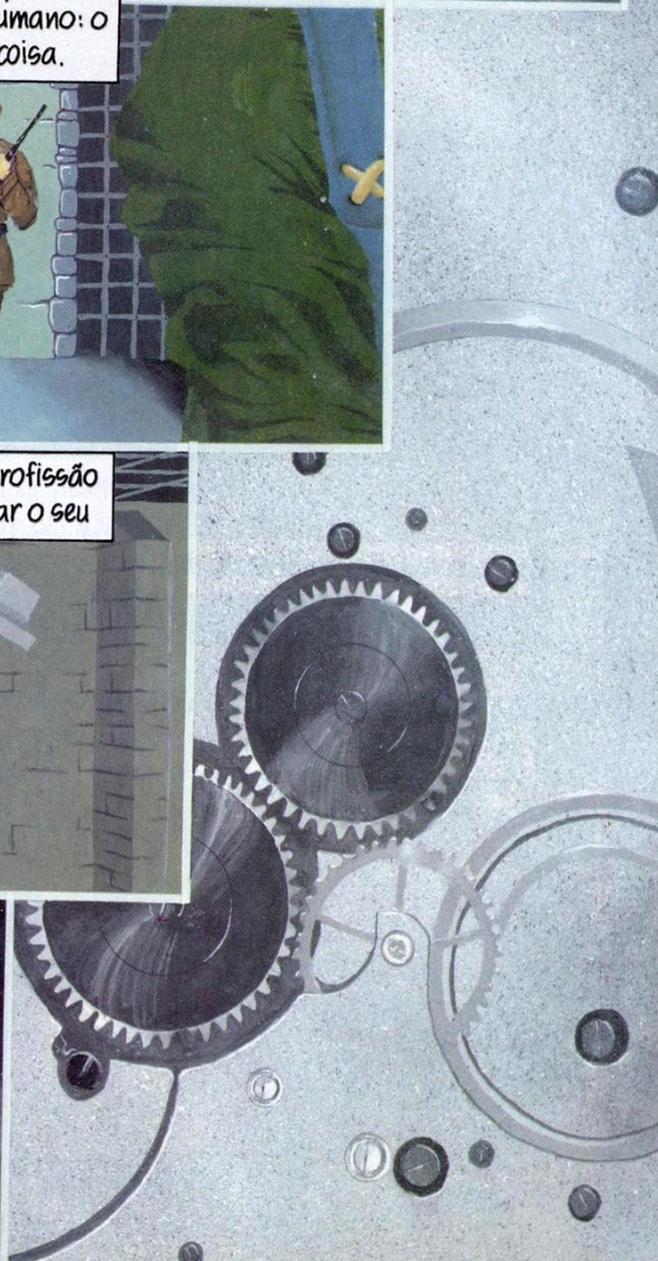
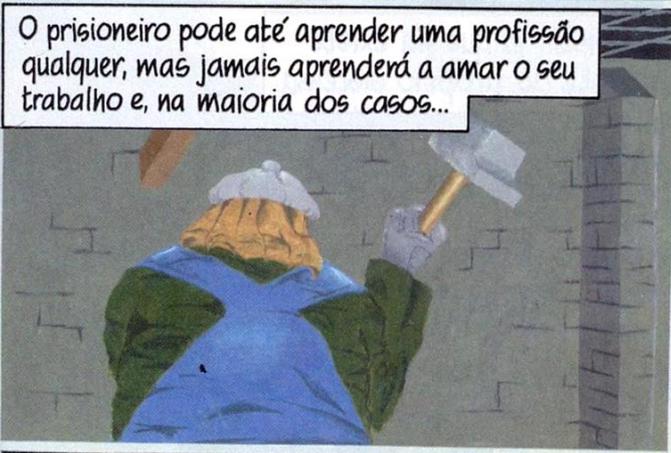
Essa circunstância também explica, provavelmente, a extraordinária falta de vigor e de entusiasmo que se observa no trabalho dentro da prisão.

O trabalho do prisioneiro é um trabalho escravo.

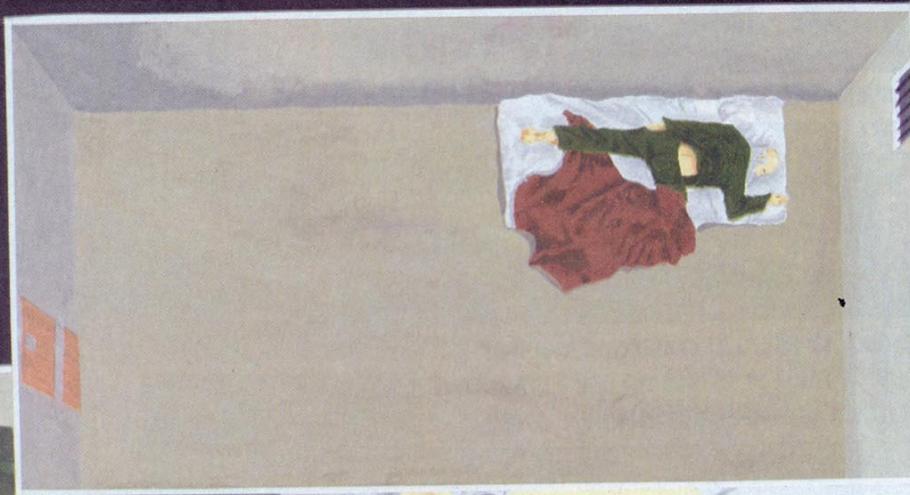
E nenhum trabalho escravo consegue inspirar no homem o que de melhor existe no ser humano: o desejo de trabalhar e de criar alguma coisa.

O prisioneiro pode até aprender uma profissão qualquer, mas jamais aprenderá a amar o seu trabalho e, na maioria dos casos...

...aprenderá a odiá-lo!



Há ainda outra importante causa que contribui para a desmoralização dentro das prisões.



Na qual nunca será demais insistir, já que ela existe em todas as prisões e é inerente ao próprio sistema de privação da liberdade.

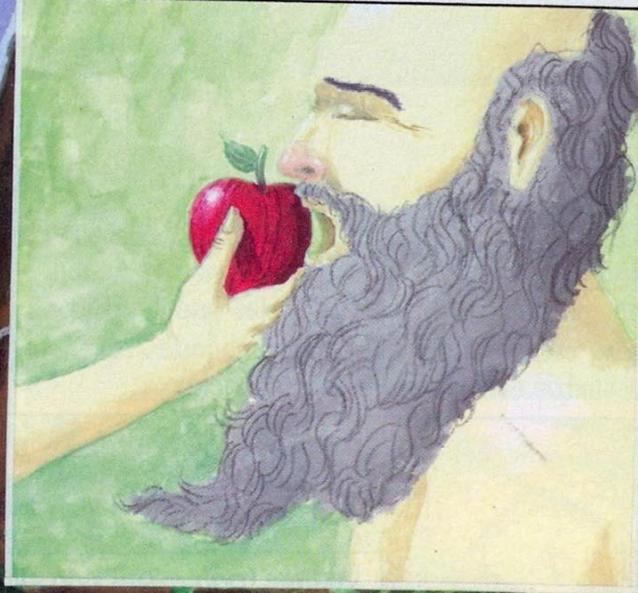
Todas as transgressões contra os princípios morais estabelecidos podem ser atribuídos à falta de força de vontade.



Quase todos os internos em nossas prisões são pessoas que não tiveram firmeza suficiente para resistir às tentações que os cercam.



Ou que não foram capazes de dominar o impulso apaixonado que durante um breve instante tornou-se mais forte do que eles.





E suas relações com os outros homens são tão limitadas e de tal modo reguladas que ele raramente fica sob a influência de grandes paixões.

Ora, nas prisões – tal como nos monastérios –, o prisioneiro é mantido afastado de todas as tentações do mundo exterior.



Mas exatamente por isso, ele quase não tem oportunidade de exercer e fortalecer sua força de vontade.

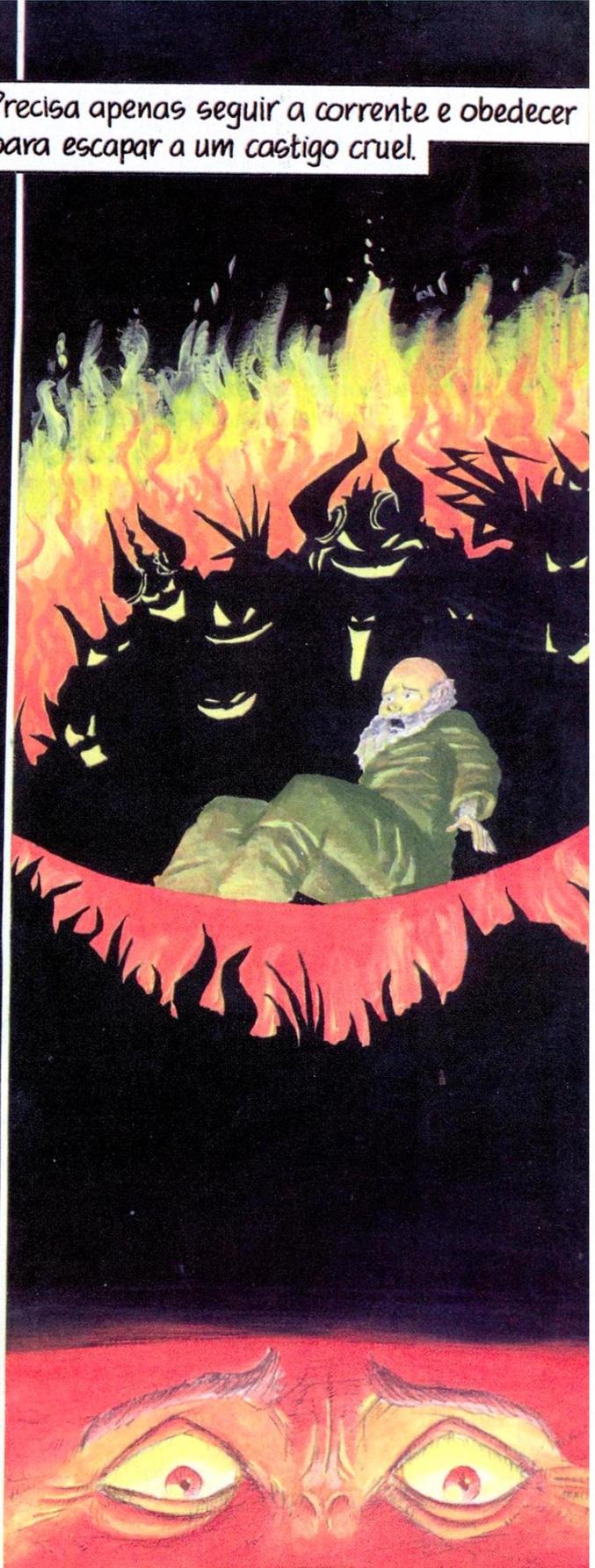
Ele é como uma máquina.

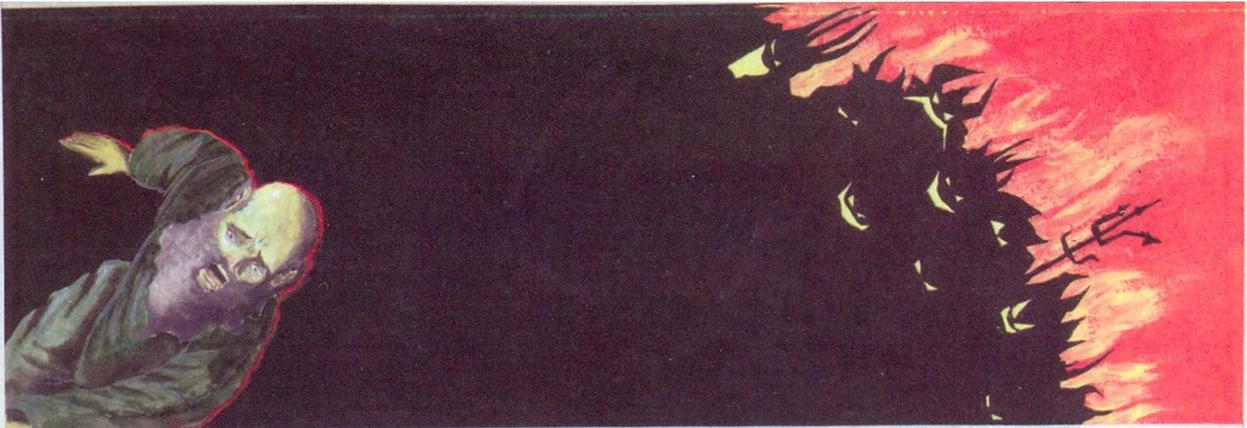


Não pode escolher entre duas maneiras de agir e as pouquíssimas oportunidades que lhe dão para exercer sua vontade estão ligadas a assuntos sem a menor importância.

Durante toda a sua vida ele foi manipulado e comandado antes que pudesse agir.

Precisa apenas seguir a corrente e obedecer para escapar a um castigo cruel.





Sob tais condições, qualquer força que pudesse ter a sua vontade de entrar na prisão acaba por desaparecer.



E onde irá ele encontrar forças para resistir às tentações que irão surgir diante de si, como por encanto...

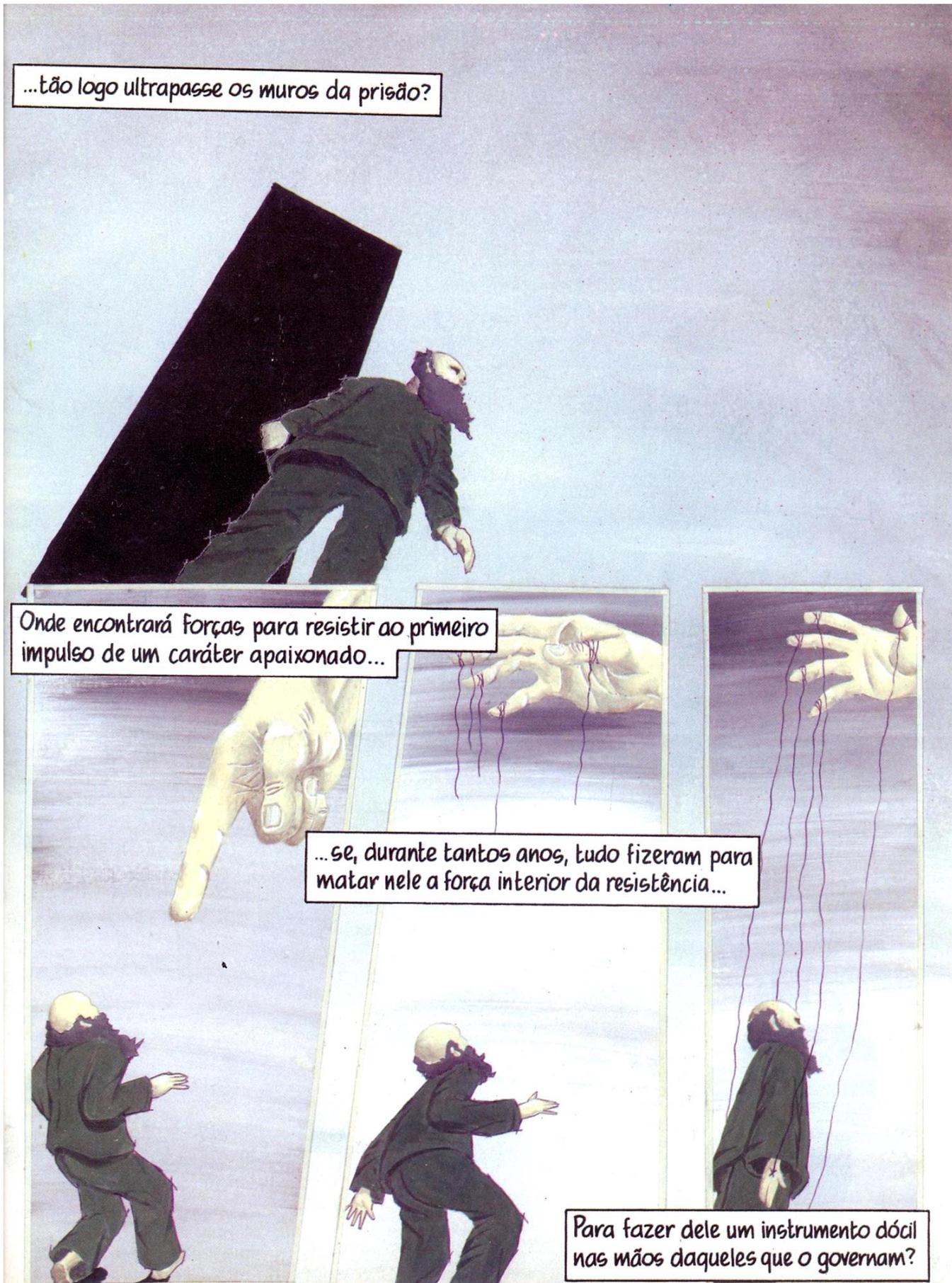


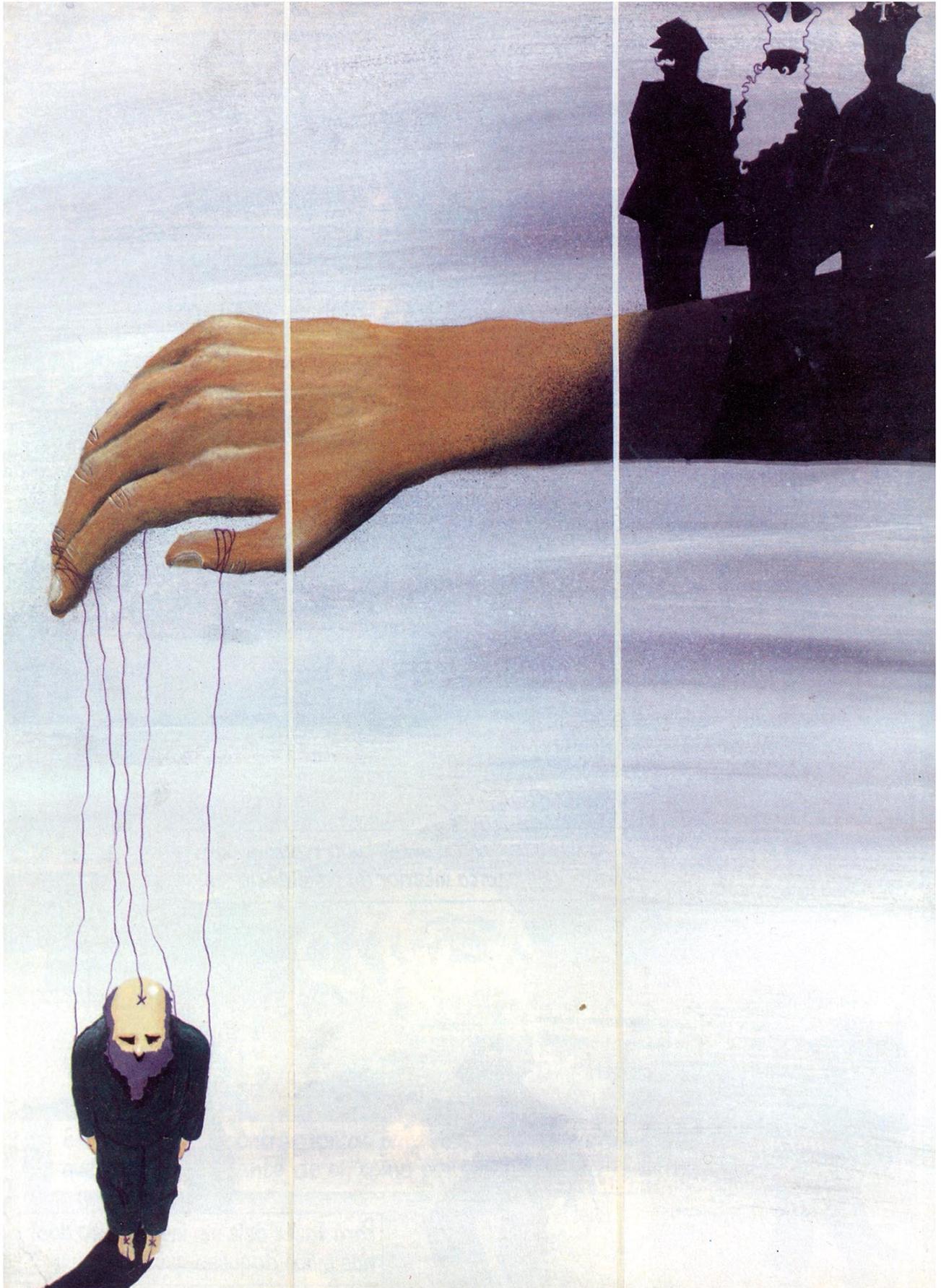
...tão logo ultrapasse os muros da prisão?

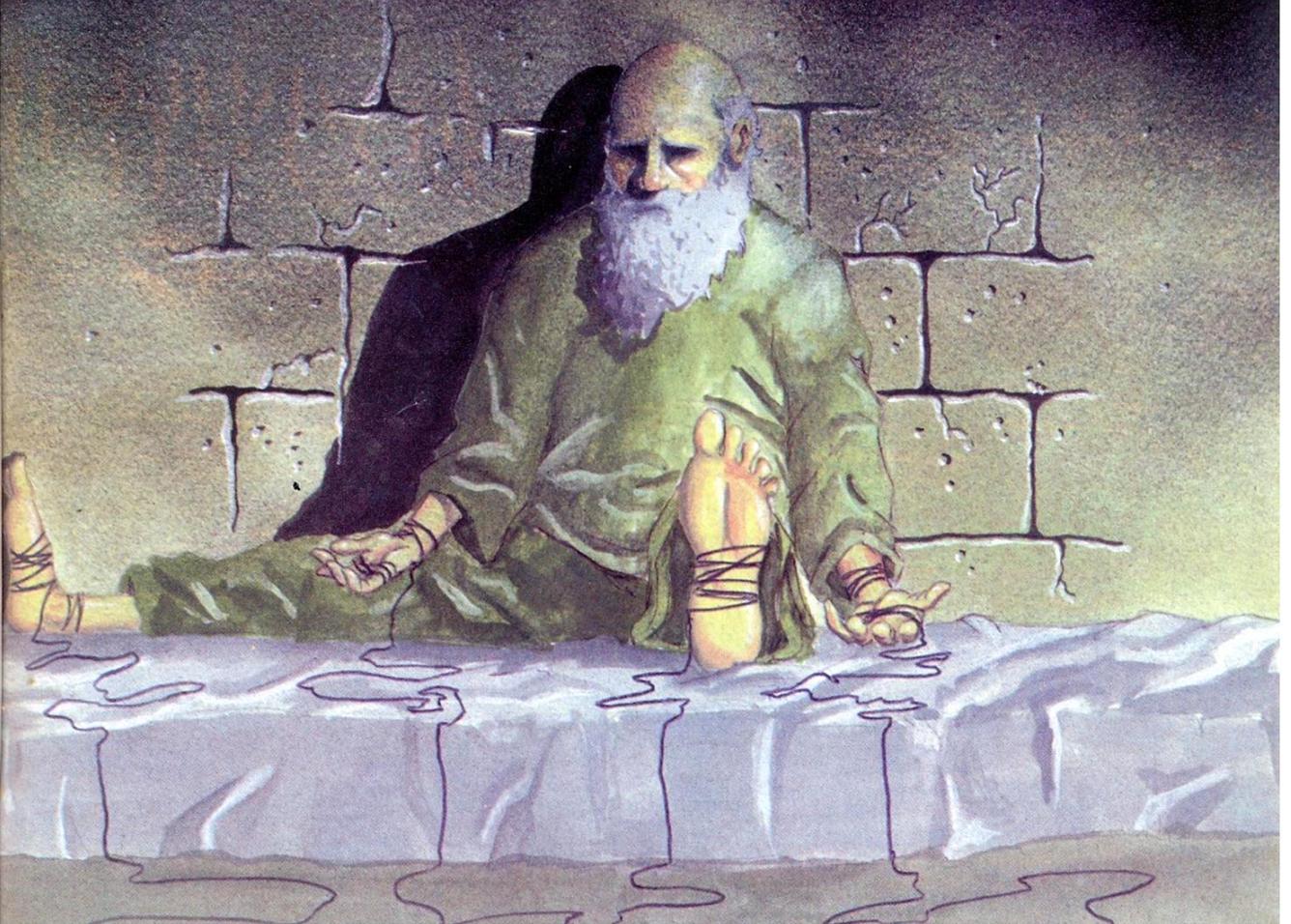
Onde encontrará forças para resistir ao primeiro impulso de um caráter apaixonado...

... se, durante tantos anos, tudo fizeram para matar nele a força interior da resistência...

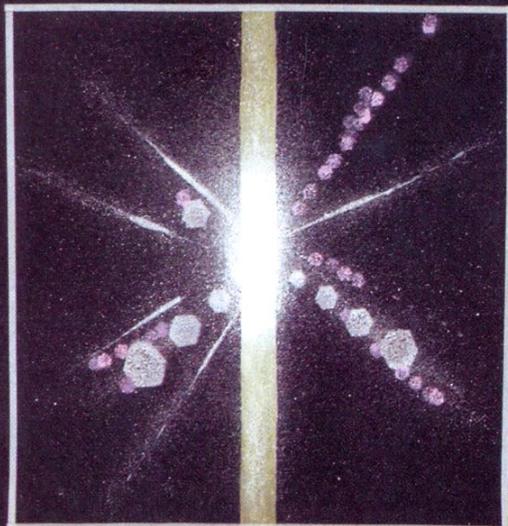
Para fazer dele um instrumento dócil nas mãos daqueles que o governam?



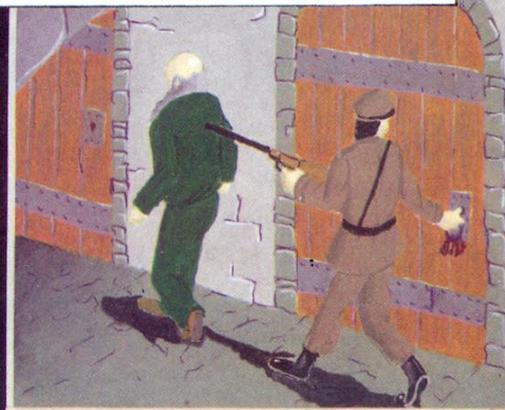


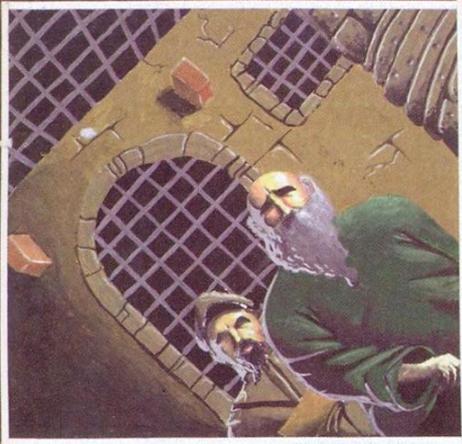


Na minha opinião é este fato – e parece-me que é impossível que alguém discorde – a mais forte razão para que condenemos todos os sistemas que tenham como base privar o condenado de seu direito à liberdade.



A origem da supressão sistemática da vontade individual dos prisioneiros.





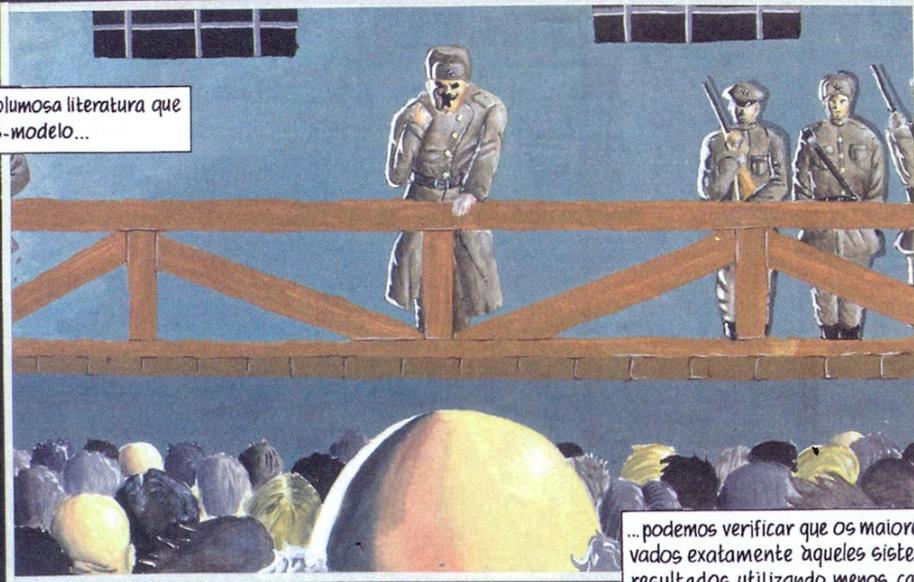
A sistemática redução de homens à condição de máquinas irracionais...

...executada durante os longos anos de encarceramento e é facilmente explicável.



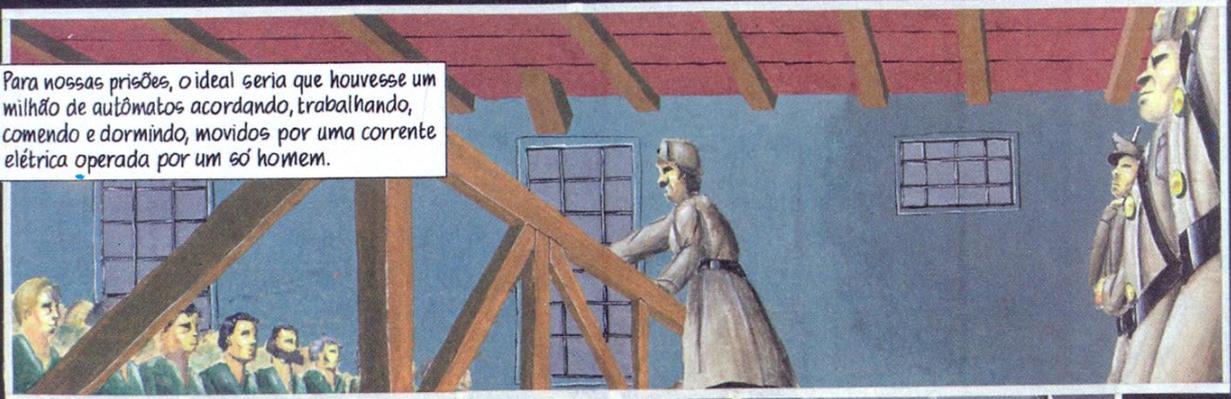
Ela surgiu do desejo de impedir qualquer quebra da disciplina e da necessidade de manter o maior número possível de prisioneiros sob o controle do menor número possível de carcereiros.

E ao examinar a volumosa literatura que trata das prisões-modelo...

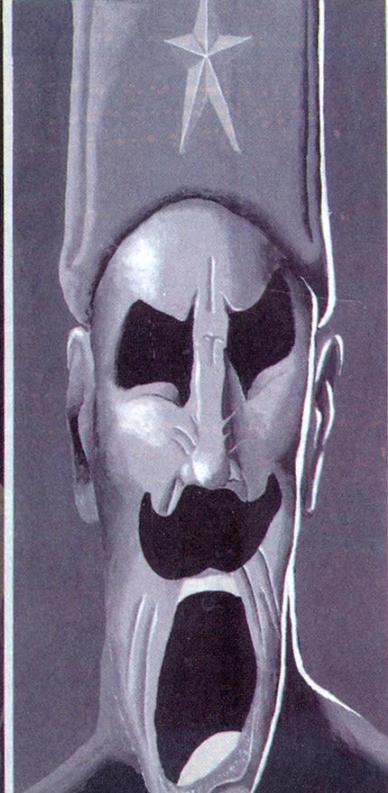
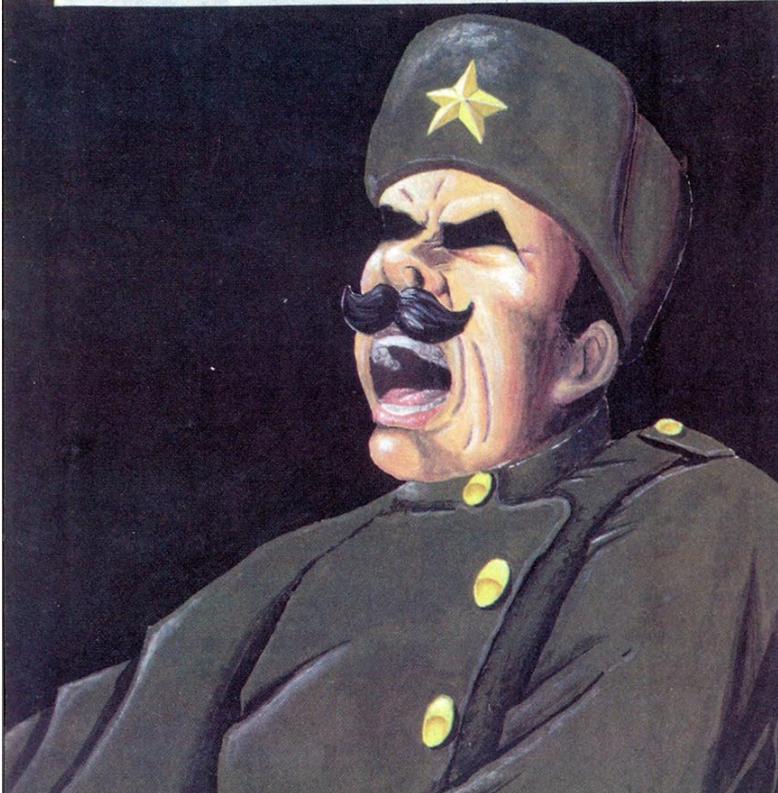


...podemos verificar que os maiores elogios são reservados exatamente àqueles sistemas que obtiveram resultados utilizando menos carcereiros.

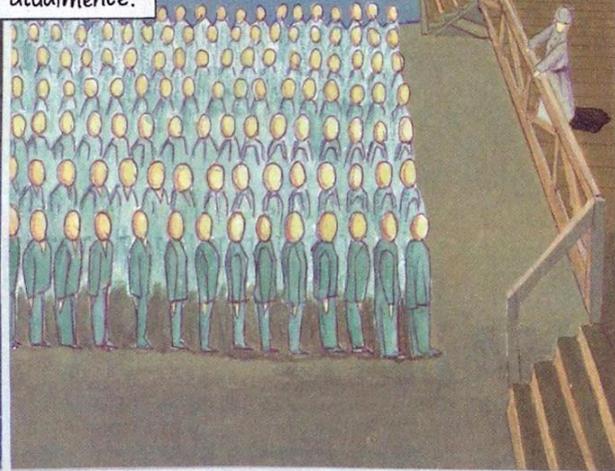
Para nossas prisões, o ideal seria que houvesse um milhão de autômatos acordando, trabalhando, comendo e dormindo, movidos por uma corrente elétrica operada por um só homem.



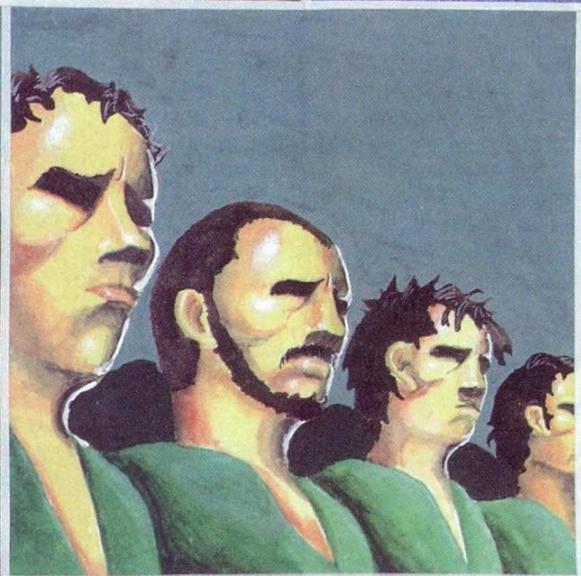
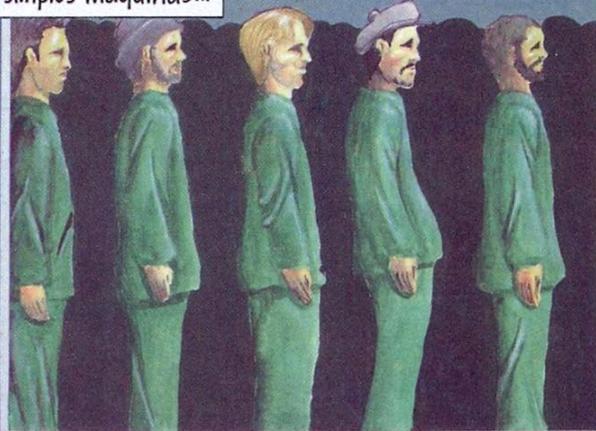
Es
es
co



Mas esse moderno e perfeito sistema penitenciário, embora conseguisse, talvez, alguma economia para os cofres do Estado, é também a melhor forma de fazer com que a reincidência atinja as cifras extraordinariamente altas que apresenta atualmente.



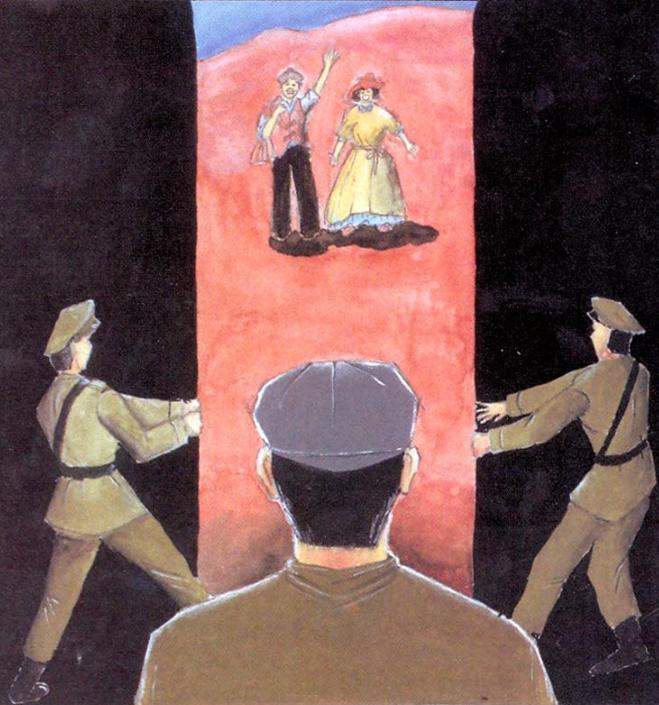
E nem pode provocar espanto o fato de que esses homens, acostumados a funcionar como simples máquinas...



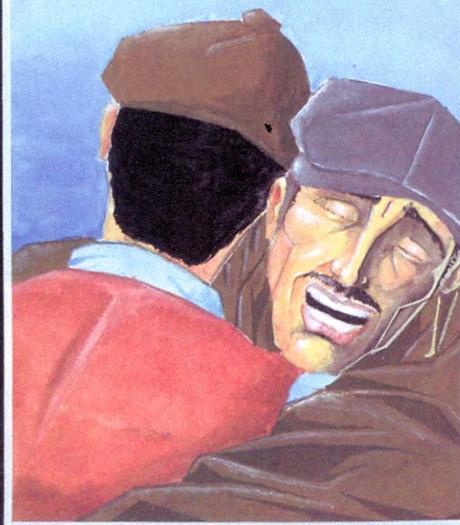
... provem não ser exatamente aqueles cidadãos de que a sociedade necessita.



Assim que é libertado, o prisioneiro recebe a visita de seus amigos e companheiros.



Eles o recebem como a um irmão.



E assim, tão logo fica em liberdade...



...volta a ser apanhado na mesma corrente que já o levou uma vez à prisão.

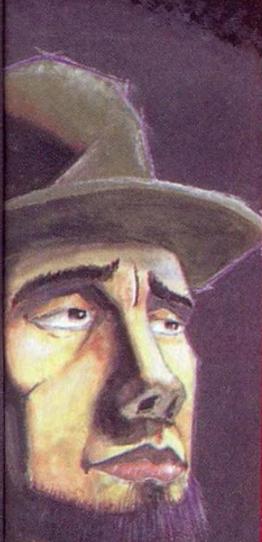




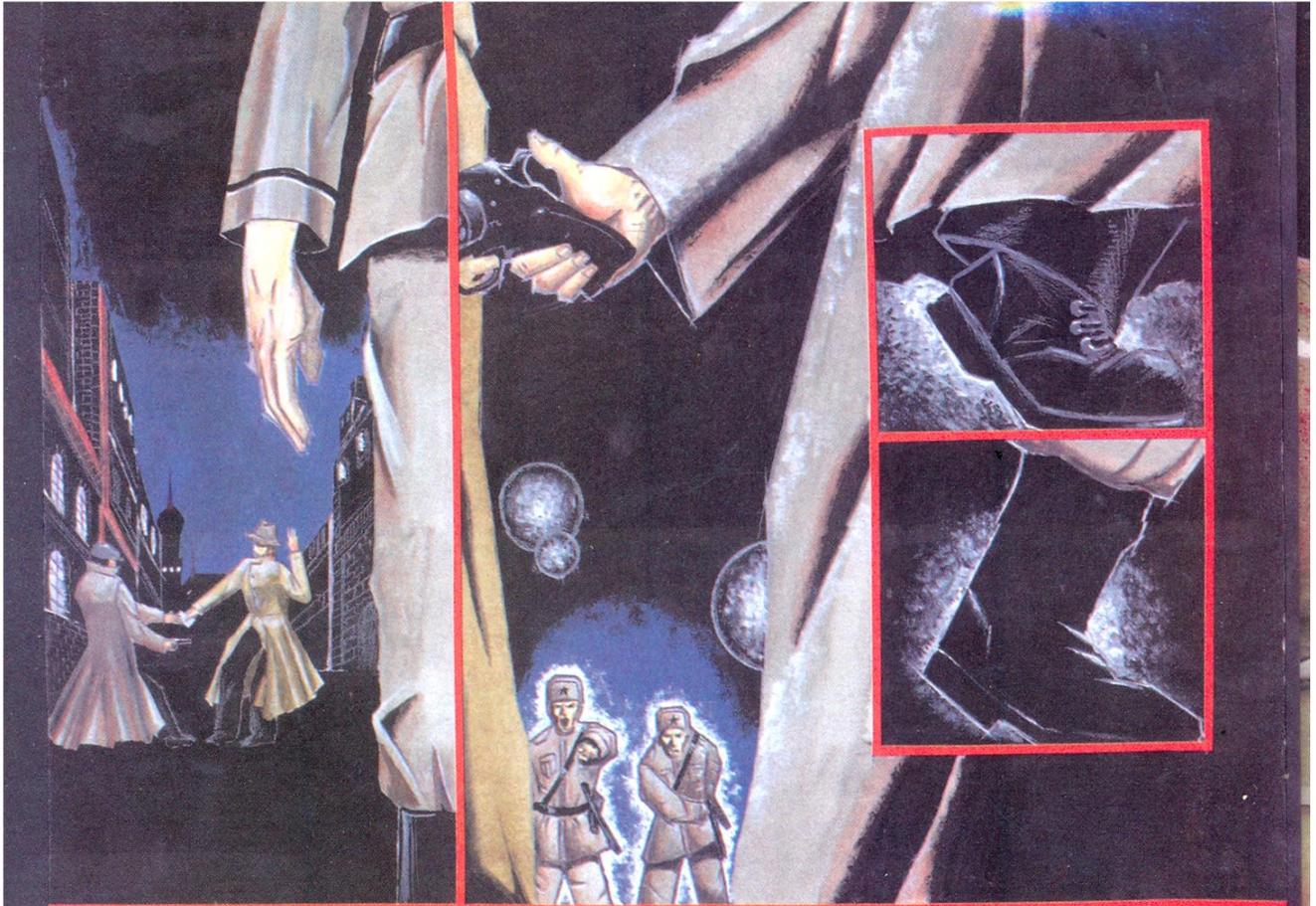
Nem as sociedades de auxílio aos prisioneiros são capazes de ajudá-lo.



Elas só podem desfazer o mau trabalho feito pela prisão, contrabalançando seus maus efeitos sobre alguns dos prisioneiros libertados.

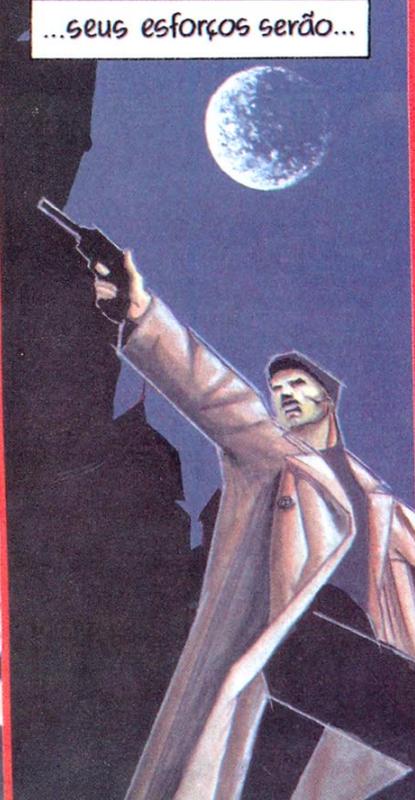
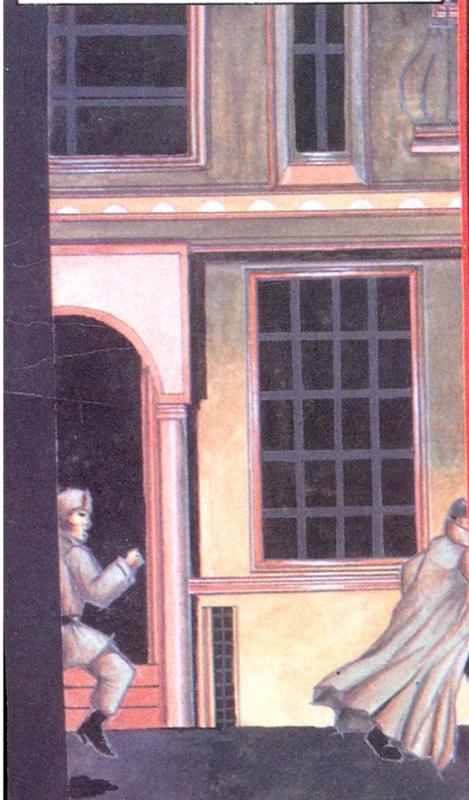


Enquanto que a influência de homens honestos que pudessem ter estendido a mão àquele homem antes que ele tivesse sido mandado para a prisão teria impedido que ele cometesse os crimes que cometeu.



Agora, depois que ele foi submetido à educação que é ministrada nas prisões...

...seus esforços serão...



...quase sempre...



...inúteis!



E que contraste entre a recepção fraternal dos pecadores e aquela que lhe é oferecida pelos cidadãos respeitáveis que escondem, sob um exterior cristão, um egoísmo farisaico!

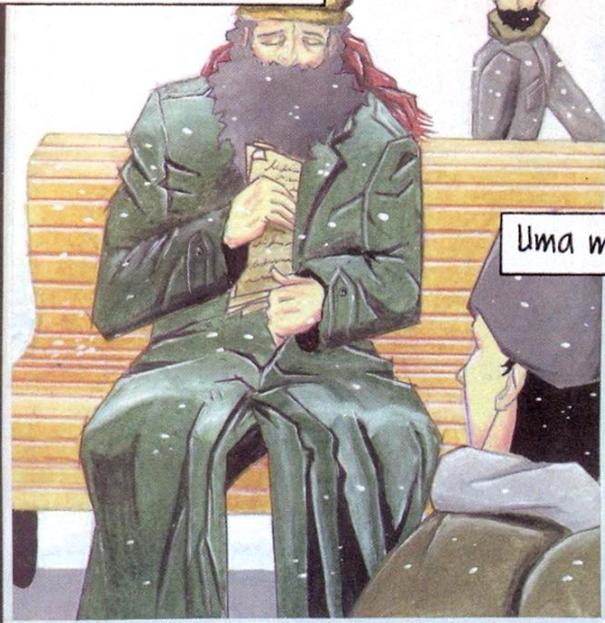


Quem o convidaria para entrar na sua casa dizendo simplesmente:

"Aqui tens um quarto, trabalho... senta-te a esta mesa e seja como um membro da nossa família"?



Do que ele mais precisa é de um auxílio fraternal.



Mas depois que fizemos tudo que estava ao nosso alcance para transformá-lo num inimigo de nossa sociedade...



Uma mão estendida em sua direção.



...depois de tê-lo inoculado...

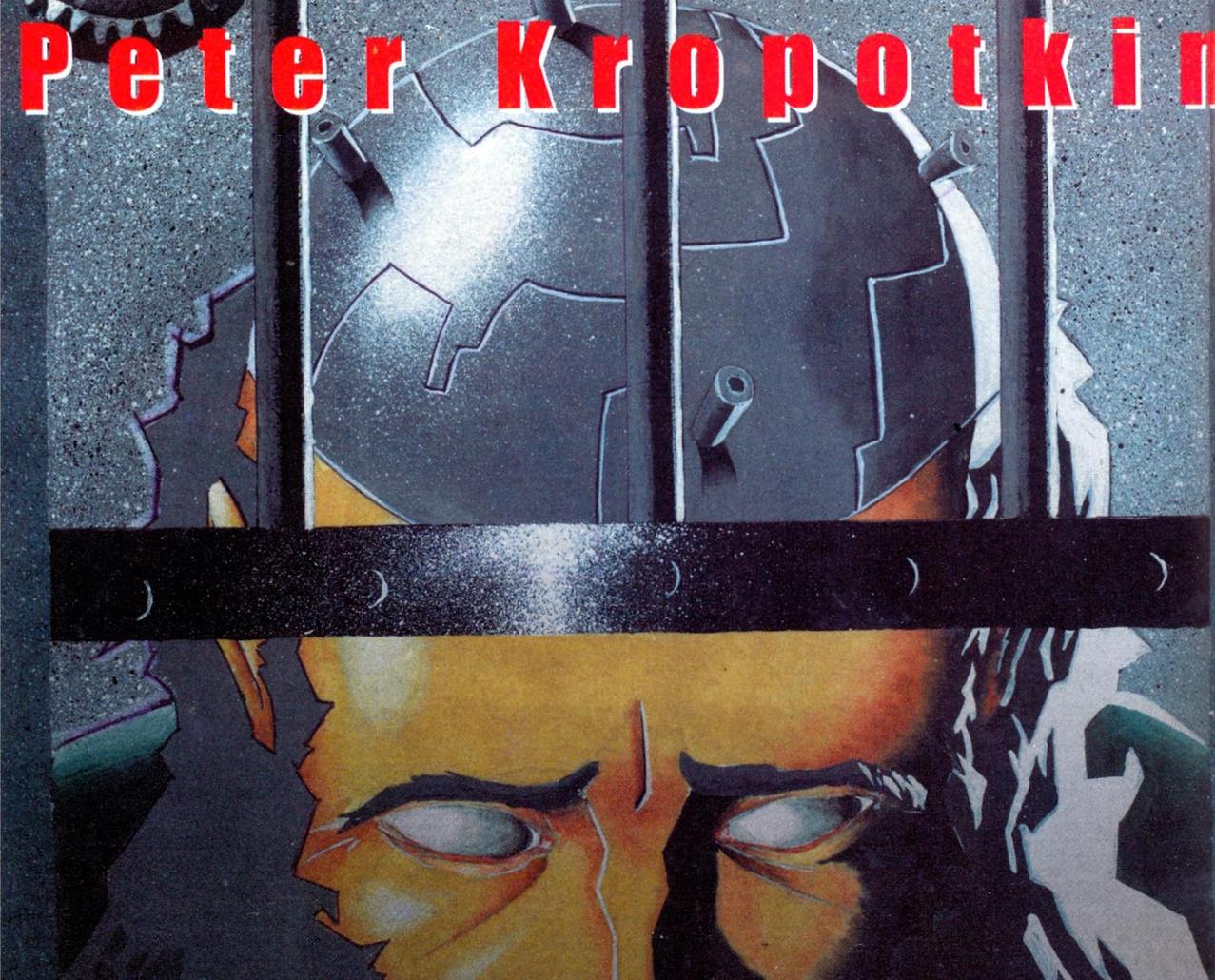


...com os vícios que caracterizam uma prisão...



...quem irá estender-lhe a mão fraterna de que tanto necessita?

Peter Kropotkin



Embora tenha tido uma carreira de destaque como geógrafo e zoologista, **Peter Kropotkin** se afastou desses trabalhos para seguir a vida de revolucionário. Por mais de 40 anos ele foi um dos líderes do movimento anarquista na Europa. Sua noção de comunismo propunha que a propriedade privada e a distribuição desigual de riquezas deveria dar lugar à livre distribuição de produtos e serviços. A sociedade deveria se tornar um empreendimento cooperativista no qual todas as pessoas deveriam realizar igualmente trabalhos manuais e mentais.

Kropotkin nasceu em Moscou, União Soviética, em 9 de dezembro de 1842, e era de família nobre da tradicional aristocracia russa. Foi educado em São Petersburgo e, ainda menino, atraiu a atenção do Czar Nicolau I, passando a integrar o seletivo Corpo de Pagens. Serviu também, durante algum tempo, auxiliando o Czar Alexandre II.

De 1862 a 1867 ele serviu como oficial do exército na Sibéria, onde aplicou seus conhecimentos na pesquisa da geografia e da vida animal daquela região. Essas pesquisas abriram a porta para uma carreira científica, mas em 1871 ele rejeitou uma oferta para se tornar secretário da Sociedade Geográfica da Rússia. Desligou-se do exército e optou por trabalhar em prol da justiça social e de promover a filosofia anarquista.

Ingressou na Internacional em 1872, na Suíça, e voltou à Rússia para realizar um trabalho clandestino de propaganda. Em 1874 foi preso por causa de suas atividades revolucionárias. Dois anos depois ele escapou e fugiu para a oeste europeu, onde fundou o jornal "La Revolté". Foi preso novamente na França, sendo libertado em 1885 depois de um amplo movimento de protesto apoiado por escritores, cientistas e acadêmicos. Em 1886 ele se mudou para a Inglaterra e ficou lá até que a Revolução Russa de 1917 lhe deu motivo para retornar ao país-natal. Durante esse exílio ele escreveu seus mais importantes trabalhos políticos: "A conquista do pão", "Memórias de um revolucionário", "Palavras de um rebelde" (1885); "Nas prisões russas e francesas" (1887); "Campos, Fábricas e Oficinas" (1889); e "Ajuda Mútua" (1902), baseado em estudos feitos por Charles Darwin.

Kropotkin retornou a São Petersburgo (conhecida então como Petrogrado) em junho de 1917 estimulado com a tomada do poder pelos bolcheviques. Desiludido com a ditadura e sem qualquer influência sobre os acontecimentos, passou seus últimos anos dedicado a escrever mais um livro, "Ética", que deixou inacabado. Ele permaneceu na União Soviética e morreu em Moscou em 8 de fevereiro de 1921. Em seu funeral a bandeira negra do anarquismo foi exibida através de Moscou pela última vez.